

Projeto Nacional PHPB – Equipe Regional Pernambuco

Século XIX – Tipo de Impresso / Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa Souza e
SILVA, Mauricio Vieira da

- 1 Modalidade: Língua escrita.
- 2 Tipo de Texto: Carta de Leitor.
- 3 Assunto: Texto discorrendo críticas a uma publicação anterior do *Diario de Pernambuco* do dia 25 de janeiro de 1862. A carta versa sobre argumentações fundamentadas em teorias e conceitos para o tratamento de miasmas, desinfecções e outros acometimentos do corpo.
- 4 Data do documento: 06 de fevereiro de 1862.
- 5 Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
- 106 Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
- 7 Identificação do autor: Jose da Rocha Paranhos
- 8 Número de palavras: 2.167
- 9 Informações levantadas:
- 1510 Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 25.)

Senhores redactores- Ainda algumas conside- | rações tenho a fazer ao communicado sim
20ssig- | natura, publicado no Diario de 25 de janeiro | proximo passado, que tratou de
combater as de- | sinfecções por meio das fumegações. || Disse o seu autor: - *Se estivesse
conhecido a | natureza dos miasmas, então converia adoptar-se qualquer processo chimico,
que destruísse es- | sés miasmas.* || A essa argumentação responde- se, que o com-
municante não tem conhecimento dos reagentes | capazes de fazer desaparecer os gazes
25ephe- | ticos de qualquer natureza que sejam: se esti- | vesse bem a par delles, certamente
não avança- | ria tal proposição. || Não sabe o communicante que por meio da | sciencia se
tem conhecido que os reagentes há, que | se expondo ao ar, quando tudo empregado | de
miasmas sorvem os gazes fetidos até o vo- | lume que póde comportar, e quer por ter sorvi- |
do apresenta nova forma alem de que são co- | nhecidos por meio de experiencias com outro
30eagente. || Diga ao menos o communicante qual um | desses reagentes para poder
conhecer; se o com- | municante está a par da sciencia em todos os | seus pontos. || Ainda se
responde, que, tendo a experiênci | a fundada na sciencia reconhecido, que as epide | mias
atacam sempre aos indivíduos, que as epide | mias atacam sempre aos indivíduos que se
acham | predispostos a obte-la pelo ar, que respiram, e | pelo contacto claro está sempre
35onvien- | te combater-se o mal pelo meios que ella tem aconselhado. || O meio que até
aqui se tem conhecido são as | desinfecções em regra, que não compreendem so- | mente as
fumegações. Como diz | pois, que não | estando conhecida a natureza dos miasmas de | nada
valem as desinecções, quando muitos auto- | res os aconselham, certos sem dúvida de que o
chloro e mais reagentes conhecidos tem a capa- | cidade de combater a todos os miasmas
40legivel] || Bem convencido estou de que se a athmosphe- | ra quando carregada dos
vapores miasmaticos | fosse conhecida por algum signal, certamente se- | ria facil de

combater-se uma epidemia qualquer | no seu todo, pois, que viamos o lugar em que não | se
achava o ar em estado regular, e então com os | meios que a sciencia tem descoberto far-se-
hia des- | apparecer com os reagentes conhecidos, e como | não se possa conhecer para
45revinirmos o mal | faça-se o que está ao nosso alcance, que é por isso | que os autores
aconselham que quando se tenha | de resolver os focos seja com as cautellas pre- | cisas. || O
communicante em sua segunda correspon- | dencia publicada no Diario do 1º do corrente
avan- | çou uma proposição que não é capaz de provar, | quando diz – *que na reunião da
commissão cen- | tral dos soccorros medicos desta cidade são to- | dos de opinião, a*
50*excepção do Sr. Dr. Firmo | Xavier, do que expendeu no seu primeiro com- | municado.* || Não
se queira o communicante apadrinhar com | a commissão central dos socorros medicos por- |
que conhecemos todos os seus membros; todos, | sem excepção de nenhum tem dado provas
de se- | rem amigos das desinfecções completas, admit- | tindo as fumegações, pois essa
asseveração do communicante não é exacta, para o que passa – | mos a analysar a cada um
55e seus membros a | tal respeito. || O Sr. Dr. Sarmento, alem do que se sabe, deu | o seu
parecer na exposição por mim apresentada I a tal respeito, donde se conclue estar de accor- |
do com as desinfecções. || O Sr. Dr. Sergio delegado militar, sempre foi | amigo das
desinfecções, e na qualidade de chefe | militar da saude nesta provincia tem mandado |
proceder no hospital militar e em geral em todos | os estabelecimentos desta [rasurado]. || O
60r. Dr. Ferreira tambem tem mandado pro- | ceder, já na qualidade de chefe de saude do por-
| to, e ja no tempo nque fez parte da junta de hy- | giene desta cidade, e não podia em vista
do re- | gulamento que ordena taes desinfecções, deixar | de po- las em pratica, se hoje esta
de accordo | com as opiniões dos escriptores de 1801 e 1803 | na Hespanha não fazendo
proceder as fume- | gações, quando precisas, esta infringindo o mesmo | regulamento, etc;
65tc; devendo ser fiel executor | de suas prescripções sob pena de ser infractor, e | infiel ao
juramento que prestou de bem cumprir | com seus deveres; a sua vontade neste caso não |
pode ser soberana, pois logo que acceitou o em- | prego, e que o exerce, tem ordem e leis a
cum- | prir; e se as deixa de satisfazer, pode-se- lhe | applicar o epitheto de que não é bom
empre- | gado. || O Sr. Dr. Aquino Fonseca quando presidente | da commissão de hygiene
70publica desta cidade, | foi por demais severo nas medidas sanitarias; | foi no seu tempo, que
as cartas vindas dos luga- | res affectados eram fumegados; foi no seu tem- | po, que se
creou o lazareto do Pina, para as qua- | rentenas por seu conselho, foi por elle aberta a | mais
formal opposição ao desembarque do cada- | ver de uma filha do Sr. desembargador Figueira |
de Mello, que [ilegivel] trouxe do Rio de Janeiro em- | balsamada para ser sepultada nesta
75dade, sob | pretexto de ter fallecido de cholera; se pois, ho- | je está de opinião, e accordo
com os escriptores de | Hespanha de 1801 e 1803, não e certamente se- | não porque, sendo
eu pharmaceutico encarrega- | do pelo governo das desinfecções, poe este mo- | tivo ficou
despeitado. || Já vê o communicante que não tem razão quan- | do diz: - *A opinião do Sr. Hr.*
Paula Candido, | não tem mais peso do que a de qualquer um dos | membros da commissão
80*central dos soccorros | medicos, e se o que diz o distincto presidente da | junta central de*
hygiene publica fosse sempre | verdade incontestavel, então não teria appareci- | do no Rio
de Janeiro a febre amarella, depois do | que elle disse na camara dos deputados em 1855, | e
se acha escripto, não obstante as fumegações | e medidas sanitarias alli empregadas. ||
Deste trecho do communicante se conclue, que | elle quer que todas as vezes que sejam as

85medi- | [[di]]das sanitarias adoptadas nos lugares onde ti- | nha havido necessidade de sua
execução, esteja | isento para sempre de ser invadida por qualquer | epidemia; quer que o
serviço feito no passado | previna o mal futuro; esta argumentação não | precisa mas
comento, porque o seu mesmo au- | tor a destruiu, quando escreveu, e salta aos olhos | de
qualquer pessoa a sua sem razão; e neste ca- | so bem se pode dizer, que o communicante
90quis | que um individuo, que se tratou de uma moles- | tia nunca mais possa della ser
acommetido, ou | de outra qualquer. || Diz ainda o communicante: - *Não e a data | das
experiencias feitas em Hespanha que destroe | o seu valor, outras muitas tem sido feitas, e o
| resultado por toda ha sido o mesmo.* || Isto e querer negar a verdade dos factos, e | tudo
confundir, e assim poder dizer que disse | uma verdade: cite os autores que assim di- | zem
95eclare as datas, para saber- se. Nesta | maneira o communicante, sem combater os fac- |
tos, que se lhe apresentam, salta por elles, e tu- | do atrapalha, escrevendo tudo o que lhe a- |
| prouver. || Diz, ainda mais o communicante: *O que se lê em alguns tratados de hygiene |
publica, não passa disso, que se encontra em mui- | tos livros: são asserções que a
experiencia não | confirma, e só serve para encher papel e fazer a- | vultar o numero de
100paginas.* || Admira que sendo o communicante homem em - | tendido, queira que sejam
sempre infalliveis os | resultados das experiencias! Se estes que se pro- | põe a executar as
desinfecções, não cumprem | muitas vezes os seus preceitos, por ignorar o mo- | do pratico
de os executar, como queres um re- | sultado favorável [ilegível] || Julgará talvez o
communicante, que a palavra | desinfecção comprehende somente as fomega- | ções; esta
105enganado: encerra outros muitos qui- | sitos. || Eu sei o que quer o communicante, e vem a |
ser que estando esta cidade, devidida em distric- | tos, e atesta de cada um o seu medico,
seja por | elles feita a desinfecção, se a julgar conveniente. || Não sabe o communicante, que
a lei deu attri- | buições ao medico, e ao pharmaceutico, e que a- | quelle tendo muito em
cuidar não pode es- | perdiçar o seu tempo em trabalho, que | competem aos pharmaceuticos
110[ilegível] Assim succede com as | desinfecções: ellas devem ser praticadas pelo |
pharmaceutico, que tem os aparelhos convenien- | tes, e tempo para isto, prescindindo dos
conhe- | cimentos dos medicos, todavia não estão elles | previnidos desses preparos. Mas isto
não quer | o communicante; não porque queira chamar a si | essa attribuição pharmaceutica,
mas sim pelo | facto de ser eu o que mais se tem dedicado a es- | se trabalho; e então por
115essa razão não convém, | que se adopte essa medida sanitaria, e isso devido | as nossas
desavenças passadas, que do cavalhei- | rismo do communicante deveriam estar esqueci- |
das pelo tempo que tem decorrido. || Não esteve nesta cidade o communicante quan- | do
reinou a epidemia da angina e escarlatina [ilegível]. | Não viu as vantagens das desinfecções
em regra [ilegível] | Não viu quase todos os periodicos, pelas noticias | que tinham elogiar
120essa medida adoptada pelo | governo [ilegível]. Não tenho em meu poder uma decla- |
ração do Sr. Dr. Procurador fiscal Fernando Af- | fonso de Mello, em que declara o bem que pro- |
duziu a desinfecção em sua casa por mim prati- | cada [ilegível]. || Não tenho em meu poder
ainda outro igual do- | mento do Sr. commandante do corpo de po- | licia, no qual declara as
mesmas vantagens por | mim obtidas [ilegível]. Alem de muitos outros de pessoas bem con- |
125hecidas, que seria enfadonho enumera-los; mas nada serve de prova ao communicante,
porque deu- lhe a birra para isso. || Se as provas assim apresentadas nada valem | para o
communicante, não sei o que quer: pois | que ladeando sempre da questão não acha rama |

em que se apegue, nem fundo que tome pé: vai | sophismando quanto pode, com tanto que não se | proceda as desinfecções, porque sabeque fui eu | o que se propoz por ter os
130pparelhos necessários | e por mais uma vez as ter praticado. || Porque não apresentou o
communicanteI provas relativamente a morte do pharmaceutico que | alludiu em seu primeiro
comunicado, no qual | disse morrêra das desinfecções [ilegível]. || Não lh'[ilegível] pedi
[ilegível] Seria esse pharmaceutico ata- | cado por ventura, na occasião das desinfecções
[ilegível] | Saberá desempenha-la com os quisitos da scien- | cia [ilegível]. Teria elle o
135uidado de entrar nas casas af- | fectadas com o chloro desenvolvido [ilegível]. Teria esse |
pharmaceutico o cuidado de trazer consigo a | chloredina, principio menos ativo que o chloro,
| que pode ser respirado sem encommodar os or- | çãos respiratórios . Não podia [ilegível]m
hora de des- | canço ser atacado de uma camada de ar empreg- | nado de miasmas [ilegível]
| Declaro ao communicante | que como encarregado da desinfecção desta ci- | dade, tive
140empre o zelo de recommendar aos | meus agentes, que tivessem o cuidado de, logo | que
entrassem nas casas afestadas, fosse com o | chloro em exalação; e tendo dezesseis pessoas
| empregadas neste serviço caso nenhum de mor- | te, de molestia se deu com ellas. || Digo
ao seu communicante que em muitos lugares | não se praticam as desinfecções em regra,
con- | tenta-se apenas em fazer pequenas fumegações | e essas sabe Deus, como! || O
145mesmo communi- | cante não é capaz de declarar como se faz uma | desinfecção com os
predicados da sciencia, nem | conhece todos os agentes desinfectantes. || Dê-me alguma
explicação á esse respeito: es- I tou certo que não é capaz. Diga- me como se ob- | tem o
chloro, a chloredina e outros desinfectan- | tes d'essa ordem, espero por ella. || Recife, 04 de
fevereiro de 1862. | Jose da Rocha Paranhos.

